

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.003](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.003)

A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E O USO DAS FONTES ORAIS COMO FONTES HISTÓRICAS

RODRIGO WANTUIR ALVES DE ARAÚJO

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da rede pública municipal de Riachuelo/RN e da rede estadual do RN. E-mail: rodrigowantuir@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo deste estudo foi apresentar de que se trata a pesquisa da História da Educação brasileira e o uso de suas fontes, especificamente relacionadas à História Oral. A partir da pesquisa bibliográfica descrevemos a História da Educação enquanto campo epistemológico e a História Oral enquanto abordagem de pesquisa. Em seus domínios, apresentamos as fontes orais enquanto possibilidade de uso dentre as fontes históricas reconhecidas e utilizadas pelos pesquisadores em História da Educação. Transcorridas as análises, reforçamos o entendimento de uma história expansiva, na perspectiva da Nova História e consideramos a produção de versões da História com o uso das fontes orais, passíveis de resultar em produções historiográficas a partir do rigor científico. Com este trabalho, pretendemos lançar possibilidades da pesquisa em história da educação brasileira com a utilização da metodologia da História Oral e da importância do tratamento adequado com as fontes orais.

Palavras-chave: História; História da Educação; História Oral; Fonte Histórica; Fontes Oraís.

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que compreende a História enquanto ciência humana dentro de uma perspectiva plural, múltipla e diversificada. O conceito de História que preconizamos é parte de uma analogia em que o homem é visto como sujeito e agente de ações e decisões que constroem os conceitos de uma ciência humana com referência no tempo, a partir das reflexões, análises e de fontes que estão disponíveis em seu contexto, transformando o seu espaço-tempo, passível de reflexão e análise posterior. Consideramos esse como o grande diferencial dessa área do conhecimento, uma vez que aborda em seu conceito principal a categoria do tempo como parte integrante do processo.

Dentro dessa perspectiva, destacaram-se aspectos conceituais sobre História. O que é história? Como se faz a história? Qual a base das informações para fazer história? A teoria adotada sob nossa perspectiva é a do historiador Marc Bloch (1886-1944) que afirma: “a história é a ciência do homem no tempo (BLOCH, 2001, p. 55)”. Dessa maneira, seu objeto é o estudo, análise, reflexão, conhecimento sobre o homem com uma categoria que a identifica e unifica a história adequadamente, o tempo. Aliás, essa discussão é muito cara e importante para a compreensão deste conceito, tendo em vista que o tempo se configura como uma criação humana, uma unidade de medida que serve para a organização da vida do homem.

Consideramos História como uma ciência, em conformidade com os pensamentos de Jacques Le Goff, uma vez que a história é crítica aos documentos a que se chamam “fontes”, seja do ponto de vista da autenticidade ou da credibilidade (LE GOFF, 2013, p. 93). Ao entendermos História enquanto ciência e as mudanças adquiridas com a história contemporânea, consideramos também a renovação que ela sofreu enquanto prática científica, em seus métodos, função social e, sobretudo na inserção de novas fontes para se fazer o constructo da história.

Trataremos como campo do conhecimento científico a História da Educação brasileira, como um espaço de construção, identidade e formação da sociedade. A História da Educação brasileira, como o próprio nome sugere, reflete a trajetória educacional do Brasil e a complexidade dos processos sociopolíticos nacionais. Ela está dentre os *lotes da História*, dado os esforços de classificar e organizar internamente a História em subáreas especializadas. A História da Educação não é exclusivamente educativa, pois todas “as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas” (BARROS, 2004,

p.15), mas, enquanto pesquisadores compartimentamos a História e realizamos recortes simplificadores para enquadrar os nossos estudos históricos.

Para o constructo de tais apontamentos, consideramos Educação como um processo de humanização, como conceituou Paulo Freire, “A educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática [...]” (FREIRE, 2003, p. 40). Desse modo, a educação está relacionada a promover a prática de uma teoria sobre um dado conhecimento.

Como ponto de partida, na qual se desenvolveu a pesquisa e que pretendeu ser respondida durante este texto, pensamos: é possível utilizar fontes orais nas pesquisas em História da Educação sem perder o rigor científico? De que maneira? Buscamos apresentar de que se trata a pesquisa da História da Educação brasileira e o uso de suas fontes, especificamente a História Oral. A partir da pesquisa bibliográfica descrevemos a História da Educação enquanto campo epistemológico e a História Oral enquanto abordagem de pesquisa. Quanto às nossas experiências desenvolvidas nas pesquisas em História da Educação, colocamos algumas reflexões que balizaram o nosso fazer histórico.

Entendemos que a História da Educação se insere no Campo Histórico das pesquisas. As produções de conhecimentos neste campo direcionam reflexões acerca das ações humanas no tempo e no espaço, além de possibilitar a contextualização dos acontecimentos relativos ao desenvolvimento da educação ao longo da história, a considerar as relações de continuidades e rupturas entre passado e presente.

Ainda dentro da História da Educação brasileira, dialogamos sobre a contribuição da História Oral para esse campo da História e de como as fontes orais se constituem como elementos na constituição desse fazer histórico, refletindo e dialogando com o saber científico e percebendo as especificidades e as contribuições que tais fontes podem colaborar na pesquisa histórica. Dessa maneira, lançamos algumas ideias seminais e reflexões que percorrem a nossa experiência enquanto pesquisadores, educadores e historiadores da educação.

O CAMPO DA HISTÓRIA E A HISTÓRIA ORAL

A História enquanto ciência tem seu estatuto demarcado no século XIX, quando se constituiu campo específico do conhecimento acadêmico, e no século XX tem a sua constituição revalidada a partir de um movimento chamado Escola

dos Annales¹, composto por várias fases ao longo deste século em que a História é reconhecida como uma ciência humana e social, com notoriedade e a necessária criticidade de um saber científico.

A historiografia contemporânea, que corresponde ao estudo e a análise da História, é marcada por sua compartimentação, ramos, saberes e construções críticas abrangendo muitas áreas dentro desse ramo específico do saber. Dado os avanços na pesquisa em História e dada a complexificação crescente do conhecimento, nota-se uma hiperespecialização dos domínios históricos, mas “a história é sempre múltipla, mesmo que haja a possibilidade de examiná-la de perspectivas específicas” (BARROS, 2004, p. 15).

Mesmo que uma abordagem historiográfica não se enquadre rigorosamente em um único campo, os pesquisadores e historiadores utilizam critérios comparimentais para enquadrar os seus vários tipos de estudos históricos, desde que orientados por um fundamento científico. Anteriormente, os pesquisadores mais tradicionais, na escolha das dimensões históricas, abordagens e domínios, também faziam uso de seleção direcionadas às fontes, estas resumidas a publicações oficiais, com a prerrogativa de considerar as fontes primárias enquanto mais fidedignas à realidade.

Neste mesmo viés de pensamento, a História Oral e uso de fontes orais, em sua trajetória, sofreu questionamentos quanto a consideração de uso apropriado à construção de conhecimentos e a sua validade científica. Mas, este já é um assunto superado dentre os pesquisadores da área, pois reconhecemos suas possibilidades de pesquisa na área da História.

A História Oral não apenas se utiliza de fontes orais, mas busca o conhecimento como meio de transformação enquanto objetivo intrínseco a sua prática. Desse modo, ela não é simplesmente um meio ou recurso científico. Ela é científica, tem um sentido epistemológico e motiva reflexões sociais, e não apenas dá acesso ao conhecimento. Como encontramos no Manual da História Oral:

É desprezível discutir se história oral se compraz ou não em ser uma técnica, um método ou uma disciplina. Dado seu perfil multidisciplinar [...]

1 A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico do século XX que se constituiu na França tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944) em 1929. Propunha uma verdadeira mudança na forma de como conceber a História passando de uma visão positivista para uma história crítica e das mentalidades.

é pobre manter a discussão sobre a cientificidade ou não da história oral [...] é válido também não considerar a história oral como mero substituto para carências documentais (MEIHY, 1996, p. 14)

Atualmente, a História Oral já faz parte do debate sobre a função do conhecimento histórico e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Mesmo que algum pesquisador aponte limitações sobre ela, “as mesmas fronteiras imputadas a ela se ajustam aos documentos, escritos ou iconográficos, que também guardam as mesmas limitações” (Ibidem, 1996, p. 10).

Tratamos aqui a História Oral enquanto abordagem possível dentro da História da Educação, mas a História Oral possui um perfil multidisciplinar e não nos compraz discutir se ela é um método, uma técnica ou disciplina, outrossim cada trabalho deve deixar claro a vertente assumida, devido as diversas possibilidades de análises.

Ainda de acordo com Meihy (2020) podemos compreender a História Oral em três modalidades: *história oral híbrida*, *história oral plena* e *história oral instrumental*. Também vale ressaltar que há gêneros narrativos, como: *história oral de vida*, *história oral temática*, *história oral testemunhal* e *tradição oral*. A orientação do historiador da educação, a partir das suas inquietações e objetivos, delimita seu objeto de pesquisa; em conformidade, também são realizadas as escolhas específicas dentre as tipologias da História Oral. Os gêneros assumidos da História Oral são delineados previamente, no projeto de pesquisa e a partir da linha de trabalho do pesquisador. Pois, assim, de acordo com o seu objeto de estudo, poderá explorar apenas uma forma ou realizar ainda uma combinação entre tais variantes.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E HISTÓRIA ORAL

A História da Educação brasileira está há mais de um século enquanto disciplina dentro do processo de formação de professores, tendo-lhe cada momento historiográfico questões pertinentes ao entendimento histórico. Embora tenha a história como objeto principal de seu foco de pesquisa, essa disciplina surgiu inicialmente na área da Educação.

A disciplina história da educação nasceu no Brasil no final do século XIX. Ela se desenvolveu nas chamadas ‘Escolas Normais’ e, posteriormente,

nos cursos de Pedagogia das faculdades de Filosofia [...] Assim, a história da educação não se desenvolveu como uma área da história, embora seu objeto seja muito importante para compreender o passado das sociedades. (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 21).

É importante frisar que como todo percurso historiográfico, a disciplina história da educação passou por momentos que caracterizavam suas concepções e fundamentos mediante o contexto histórico e científico de cada época ao longo desses últimos séculos e se constituindo como um campo específico que estão relacionadas com a Educação e a História.

O desenvolvimento da história da educação brasileira enquanto disciplina, em certa medida, aponta indícios de transformações da sociedade brasileira, tal como atestam as pesquisas já efetuadas, principalmente pelos pesquisadores que se dedicam a reconstruir o percurso dessa história e a produção dos autores e dos manuais que circularam nas Escolas Normais e, depois, nos cursos de Pedagogia, sobretudo até a década de 1970. (ROSAR, et. al., 2012, p. 71)

Mediante tal discussão, percebemos a importância dessa área do conhecimento na questão da formação de professores e como uma forma de compreensão do conceito da sociedade brasileira, tendo como pressuposto artefatos capazes de trazer à luz questões educação, como por exemplos práticas educativas, concepções de educação, da área do ensino, da formação de professores e da escola no Brasil.

Isso não quer dizer que a história da educação brasileira tivesse sido apenas uma exclusividade dos cursos de formação de professores, pois no próprio IHGB (Instituto Histórico Geográfico Brasileiro), já se discutia temas relacionados a este campo do conhecimento, pois “No caso brasileiro, trabalhos de história da educação já eram escritos por membros do IHGB na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. (VIDAL, FARIA FILHO, 2013 apud GALVÃO; LOPES, 2010, p. 21)”. Podemos considerar que a Educação e a História se apropriaram dessa temática e elaboraram as suas reflexões levando em conta toda essa totalidade da educação no país e as suas principais questões.

Desenvolveram-se conquistas importantes durante a constituição desse campo e que a cada dia tem expandido mais seu espaço na área acadêmica, por ser reconhecido enquanto um campo de conhecimento e permitir a criação de espaços de estudos e pesquisas entre pedagogos e historiadores.

Hoje a pesquisa em história da educação, tanto no Brasil, como em outros países é muito mais imaginativa e inovadora que há alguns anos. A partir dos anos 60 [do sec. XX] na Europa, a história da educação foi influenciada pela Sociologia, Antropologia, Linguística e teoria literária, à semelhança do que ocorria com os outros domínios da História. Com isso ela passa por um processo de renovação, e seus objetos e fontes são ampliados e diversificados. No Brasil esse movimento se dá a partir dos anos 80 [do sec. XX]. (Ibidem, 2010, p. 30)

Assim, aos que realizam as pesquisas e estudos dentro da área da História da Educação, torna-se necessário observar algumas questões que perpassam as especificidades do saber histórico, como o quanto na pesquisa se pode identificar e construir a respeito dos conhecimentos.

Se no princípio a História da Educação esteve mais relacionada à Educação, na contemporaneidade há espaços dentro da História que também pesquisam esse campo. Na atualidade, pesquisadores e grupos como o Grupo de Trabalho - História da Educação da ANPUH (Associação Nacional de História); SBHE (Sociedade Brasileira de História da Educação); Grupo de Trabalho da ANPED (Associação Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em Educação) e do HISTEDBR (Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil) são espaços de excelência nas pesquisas sobre estudos e pesquisas da História da Educação brasileira.

Sendo a história da educação e sua historiografia balizada pelos embates teóricos, metodológicos e práticos, que se realizam no domínio da História, torna-se relevante considerar os espaços que fomentam e constituem o historiador da educação.

As Universidades em seus cursos de pós-graduação e graduação, continuam sendo espaços privilegiados de formação de educadores e pesquisadores, que diante de seus alunos, sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas, assumem o processo de reprodução e de construção de novos objetos. (ROSAR, et. al, 2012. p.95)

A partir das informações e discussões presentes nesse nosso trabalho, provocamos o debate acerca das pesquisas em História da Educação e a potencialidade do uso da História Oral. Uma vez que, a...

História oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção das fontes e documentos, registrar, através das narrativas induzidas

e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas e consensuais. (DELGADO, 2010, p. 15).

Encontramos uma riqueza epistemológica, uma pluralidade de possibilidades investigativas e uma gama de informações e situações em que as fontes orais podem proporcionar significativo trabalho ao historiador da educação, em virtude da perspectiva da História múltipla, que dialoga com as mais diferentes fontes; estas passíveis de colaborar com a pesquisa histórica e com os objetivos do pesquisador.

É necessário pensar na história oral como assentada em outra perspectiva de produção do conhecimento científico; em uma determinada atitude do historiador perante a vida e perante os homens; e principalmente em uma visão de mundo que vai muito além de pressupostos dicotômicos como: verdade/mentira, objetivo/subjetivo, escrito/oral... (BARROSO, 2016, p. 154).

Ademais, há que considerar que em seu bojo traz concepções importantes no tratamento da pesquisa, pois

Quando falamos de história oral, entretanto também nos referimos a algo mais específico. mais do que a ferramenta adicional, por vezes secundária, na panóplia do historiador, as Fontes orais são utilizadas como eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas a memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador. quando é este o caso, uso crítico das Fontes orais requer abordagens e procedimentos específicos, adequados a sua natureza e formas particulares. (PORTELLI, 2016, p. 9)

Pois, no tocante as fontes orais, estas possuem suas peculiaridades, em razão dos atores envolvidos no processo da pesquisa, ou seja, entrevistador, pesquisador e entrevistado, depoente. Ambos são responsáveis, coautores e coparticipantes do processo histórico na perspectiva de uma relação dialógica para a construção da fonte oral.

Além disso, a história oral, conforme ainda defende Portelli (2016), seria a arte da escuta no constructo de que os agentes envolvidos na pesquisa influenciam em parceria as suas próprias fontes, levando em conta as suas referidas especificidades.

Em outras palavras: é a abertura do historiador para escuta e para o diálogo, o respeito pelos narradores, estabelece uma aceitação mútua

baseada na diferença, e que abre o espaço narrativo para um entrevistador entrar. Do outro lado, é à disposição do emprego estável de falar e de se abrir em alguma medida que permite que a história dores façam seu trabalho. E abertura escuta dos historiadores sobre eles mesmos e sobre o propósito de seu trabalho é um fator crucial na criação desse espaço. (PORTELLI, 2016, p. 15).

Essa sensibilidade na escuta é um dos grandes diferenciais no tocante ao uso da História Oral, pois coloca os sujeitos como colaboradores na produção da fonte histórica, a saber, da fonte oral. Considera o homem como agente da história e testemunha dos acontecimentos, em consequência de que vivenciou tal evento, momento ou situação em que a sua versão se constitui como uma das bases na investigação histórica.

Assim, na contemporaneidade a História Oral tem sido muito utilizada pelos historiadores para atender as questões em que os sujeitos participaram ou foram influenciados pelos acontecimentos históricos. As vozes dos entrevistados ou depoentes, somadas as questões-problema do entrevistador/pesquisador/historiador são constructos que possibilitam versões da história que até então ficavam silenciadas ou esquecidas. São elementos que contribuem consideravelmente na história da educação brasileira.

FONTES HISTÓRICAS E AS FONTES ORAIS

O historiador, como também o historiador da educação, é o profissional que trabalha com as informações tangíveis e intangíveis da humanidade. Seu trabalho é inconcebível sem a sua principal matéria-prima: a fonte histórica. A fonte na contemporaneidade é um conceito abrangente do fazer do homem, repleto de informações, vestígios e sentidos que possibilitam a compreensão da história. Como fonte histórica concebemos como um: “[...]documento, registro, vestígio produzido pela humanidade no tempo e no espaço. A herança material e imaterial deixada pelos antepassados que serve de base para a construção do conhecimento histórico.” (SILVA, 2008, p. 158). Assim, o conceito de fonte histórica está relacionado diretamente ao trabalho do historiador.

Fonte histórica é todo vestígio da vida humana no passado utilizado pelo historiador. Os vestígios se tornam fonte histórica a partir do momento em que o historiador os estuda. Por meio dessas fontes, ele aprende sobre o passado e

produz um conhecimento histórico sobre o que investigou. Ora, o conceito de fonte adotado é o de “vestígio” humano. Um conceito de que podemos analisar as mais variadas formas desses “vestígios” para respondermos as perguntas feitas e satisfazer ou não os nossos problemas. As fontes por si só não respondem as nossas questões, elas são importantes, mas a intervenção do homem é fundamental para compreender, aprender e solucionar as nossas indagações.

Nesse sentido, discutiu-se o estatuto de fonte desde o início do século XIX, com as **novas fontes** incorporadas mais recentemente na historiografia. A relação que fazemos das fontes orais com as fontes historiográficas parte do princípio do homem como agente/sujeito da História, tendo o tempo como base fundamental para alicerçar essas informações.

Dentro da perspectiva da História Oral há diversas correntes de pensamentos que tratam sobre as concepções de fonte oral. Há autores que defendem a própria gravação do áudio ou vídeo como uma fonte oral. Ao nosso ver, consideramos como uma fonte histórica. Mas, para a História Oral (plena ou híbrida) a fonte oral é caracterizada

[...] quando o suporte inicial permite desdobramentos, assim o texto produzido, trabalhado na passagem do estado de *linguagem oral* para a *linguagem escrita* e devidamente legitimado pelo entrevistado, é a forma do documento, completa, determinada pelos critérios da história oral. (MEIHY, RIBEIRO, 2011, p. 20).

Dessa forma, a fonte oral é um produto final de todo o procedimento da História Oral e seria o depoimento em suporte digital, virtual ou ainda impresso, em que os historiadores se debruçariam para fazer as suas reflexões, construções para a constituição da História. Os desafios de quem opta pelo trabalho com a oralidade, tradição oral, história de vida, entrevistas, ou seja, as fontes orais, se caracterizam, muitas vezes, na apropriação das ideias equivocadas sobre tal.

Fonte oral é mais que a história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósitos explícitos, gravações de música, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui documento oral. (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 13)

Não podemos cair na falácia de hierarquizar as fontes, pois todas as fontes, como vimos, tem a sua relevância. As mais variadas fontes devem interagir, complementar e responder as questões colocadas pela pesquisa e pelo objeto das fontes orais, um tipo específico de fonte histórica muito recorrente na atualidade.

O modo como o discurso oficial atribuiu as oralidades um caráter de manifestação primária, simples, não reflexiva, em contraponto com a escrita, considerada por essa corrente como sendo mais elaborada, criou uma dicotomia entre fontes orais e fontes escritas. No entanto, de nossa parte, pensamos que tal polaridade resulta em reducionismos. De acordo com o nosso entendimento, o caminho do fazer historiográfico é procurar estabelecer o diálogo entre as mais variadas fontes. (BARROSO, 2016, p.154)

Como fonte, fonte histórica, há que se refletir e considerar as questões que lhe são peculiares. Além disso, existe a questão do tratamento das fontes orais que perpassa uma categoria muito importante: a memória.

Em se tratando de trabalhos a partir de Fontes orais é fundamental levar em conta várias maneiras como pensa a memória, já que diferentes modos de memória levam a diferentes perspectivas sobre o passado. Mas todas elas têm algo em comum: transmutam a experiência, reinventam o passado, ao invés de apenas refleti-lo, ou seja, processo de rememoração implica sempre os recortes, abstrações, seleção, esquecimento e revisão. (Ibidem, 2016, p. 158)

Em se tratando da ciência e da construção de conhecimentos científicos, a História Oral, utilizando-se de fontes orais, pode ser usada para complementar vazios documentais, mas também pode ser assumida isoladamente, com valores próprios. As fontes orais, assim como outras fontes diversas, permitem interpretações e trazem vestígios das histórias. No tocante ao tratamento da fonte:

O documento em si não é história, não faz história. São as perguntas que o pesquisador tenha de fazer ao material que lhe conferem sentido. Enquanto houver perguntas, o material não estará suficientemente explorado. Nesse sentido é que se diz que uma fonte nunca está esgotada e que a história é sempre reescrita. (LOPES, GALVÃO, 2010, p. 78)

Há de se verificar a importância da elaboração de um projeto prévio, das perguntas e do tratamento que o historiador faz no tocante a sua fonte histórica. E,

quando tratamos de fonte oral, nas perspectivas anteriormente citadas, encontramos questões peculiares da sua própria criação e construção na reconstrução e na forma de fazer história. A oralidade que é transcrita, transcrita e produzida carrega consigo as nuances dos agentes envolvidos na sua produção. Nesse sentido e perspectiva, sempre será um trabalho coletivo, sob o prisma conjunto de dois (ou mais) olhares sobre a pesquisa em questão na conjuntura múltipla e diversa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História enquanto ciência se organiza por critérios, relacionados aos seus enfoques, métodos e temas e sofre rearranjos e modificações derivadas das tendências a que fazem uso. Não obstante, assumimos aqui as orientações que direcionam nossas percepções e nosso trabalho.

Discutimos aqui alguns aspectos da Teoria e Metodologia em História, através de uma modalidade mais abrangente, que permite ampliar o horizonte de observação dos pesquisadores. Simultaneamente, pensamos numa visão historiográfica mais expansiva para a escolha de objetos de estudo, aportes teóricos, métodos e, sobretudo fontes.

Nessa perspectiva, a História Oral identifica-se enquanto uma abordagem de pesquisa dentro da definição abrangente da Nova História, uma vez que ela exprime uma condição democrática na percepção das pessoas históricas e legitima as fontes orais enquanto matéria para o constructo historiográfico.

A História da Educação brasileira trata da trajetória histórica e educacional do Brasil, se insere no campo histórico das pesquisas e pode ser trabalhada com o uso das fontes orais, dentre suas possibilidades, dado o seu diálogo com a História Oral enquanto abordagem. Não obstante, a História Oral, assim como a História da Educação também é um campo epistemológico consolidado, mas a constituição dos enfoques historiográficos permite este diálogo na ciência entre os pesquisadores, uma vez que a História Oral é “uma possibilidade de ventilar a informação do tempo presente para lançar luz as questões e situações problemas e no curso da história.

Ainda que a História Oral carregue um sentido social do conhecimento que pode se tornar público, para além dos círculos acadêmicos, ressaltamos a necessidade do tratamento com rigor científico para quem opta pelo trabalho com o uso das fontes orais na pesquisa em História da Educação e a importância dessas fontes

para a construção de novos objetos e novos saberes dentro dessas duas grandes áreas do conhecimento: História e Educação. Pois, o processo de pesquisa para os historiadores da educação que utilizam as fontes orais deve ser sempre pautado numa perspectiva ética, do ponto de vista da anuência do entrevistado, observadas as dimensões plural, democrática e diversificada da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROSO, Maria Helenice; BARROSO, Maria Veralice. História oral, memória e cidadania. In: **História oral e metodologia da pesquisa em História**: objetos, abordagens, temáticas. COSTA, Cléria Botelho da; LONGO, Clerismar Aparecido; BARROSO, Eloisa Pereira (Orgs.) Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 151-168.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DELGADO, Lucília Almeida Neves de. **História oral**: memória, tempos e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. Educação e esperança. In: **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo: Ática, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et. al.]. 7. ed. Revista – Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Edições Loyola: 4. ed. Revista e ampliada. São Paulo, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, v. 2. n. 155, p. 191-203, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041/21104> Acesso em: 10 jan. 2021.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana, L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como a arte da escuta**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

ROSAR, Maria de Fátima Félix. Et al. A historiografia em construção nos processos de ensino e pesquisa na História da Educação no Brasil. In: **Nacional e o local na história da educação**. ROSÁRIO, Maria José Aviz do; MELO, Clarice Nascimento de; LOMBARDI, José Claudinei. (Orgs). Campinas: Alínea, 2012, p. 69-108.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário dos conceitos históricos**. São Paulo: 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1890-1970). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16520.pdf> Acesso em: 15 jan. 2021.